

NA ESTANTE

Livro do músico Yuri Popoff e da professora Cecília Cavaliere França aproxima as crianças da rica tradição cultural afro-brasileira. Elas também aprendem a construir instrumentos

Oportuna lição

AILTON MAGIOLI

Quando a música volta a ser conteúdo obrigatório no ensino básico, a professora de Cecília Cavaliere França e o contra baixista Yuri Popoff mandam para as livrarias o oportuno *Festa mestiça – O congado na sala de aula* (Editora UFMG). Primeira publicação do gênero no país, o livro se situa entre o didático e o paradidático, voltado principalmente para crianças de 10 a 14 anos.

Produto da pesquisa sobre congado que Yuri fez ao longo de uma década, reunindo material de várias regiões do estado – com destaque para Montes Claros, sua terra natal –, a publicação de 77 páginas, ilustrada com

fotografias coloridas, traz encartado CD-Rom com 33 faixas. Isso permite à garotada recriar a manifestação religiosa não apenas por meio da sonoridade, mas também do ritmo e da leitura musical. Além das partituras, *Festa mestiça* ensina a construir instrumentos do congado.

Guiada pela pesquisa de Yuri Popoff, Cecília Cavaliere França acabou se apaixonando pela manifestação, que foi conhecer in loco, em Montes Claros. “Ao me aproximar do universo do congado, vi a possibilidade de levá-lo para as crianças, mas sendo o mais fiel possível aos rituais e à devoção”, afirma a professora, sem esconder o receio da caricaturização.

Escritora e pesquisadora, Cecília

Cavaliere França é doutora em educação musical pela London University. Já publicou a série didática *Turma da música e Para fazer música*, além dos volumes paradidáticos *Fino traço*, *Música no zoo*, *Rádio 2031* e *O silencioso mundo de flor* – este último, sobre uma garota portadora de deficiência auditiva, ela pretende transformar em curta-metragem de animação.

Além de baixista, Popoff é compositor e já tocou com Toninho Horta, Beto Guedes, Leila Pinheiro, Nana Caymmi, Cássia Eller e Selma Reis, entre outros. Foi professor da Universidade Estácio de Sá e do Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro. Em 1992, recebeu o Prêmio Sharp pelo CD *Catopê*, também sobre o congado.



Em Montes Claros, as crianças saem às ruas para celebrar a riqueza da cultura afro-mineira

BRUNO ROCHA/DIVULGAÇÃO

Trio de ouro

Em Montes Claros, reúnem-se as três culturas que constituem a base da formação do povo brasileiro. Índios, brancos e negros são representados no terno por meio de caboclinhos, da marujada e do catopê, respectivamente.

Caboclinhos se vestem como índios. Entre seus instrumentos está a flechinha de madeira. A sonoridade do terno é muito característica, pois reúne crianças com vozes agudas, embora haja presença de adultos. O acompanhamento normalmente é feito por violões e violas. Os integrantes do terno andam a passo marcado.

Por sua vez, os marujos têm sua origem em duas tradições: vestem-se de branco, com chapéu de marinheiro, contando histórias dos portugueses, e retratam as lutas entre cristãos e muçulmanos, que duelam durante o cortejo cênico. A sonoridade característica fica por conta da viola, executada por homens adultos.



João Faria, mestre do catopê montes-clarense

Já os catopês são formados por negros, cuja tradição é tambor e pé no chão. Presentes nas festas de agosto, os rituais desses grupos são de devoção de santos. Enquanto uns homenageiam o Divino Espírito Santo, outros cantam para Nossa Senhora do Rosário e para São Benedito. O cortejo leva o es-

tandarte pelo Centro de Montes Claros. Levanta-se o mastro com o santo do dia.

No domingo, é promovido o grande cortejo, com a coroação de reis e rainhas – sempre crianças, no caso de Montes Claros. O ritual se encerra dentro da igreja, com a celebração de missa.

RENATO LOPES/EM/D.A.PRESS - 19/8/04

FESTA MESTIÇA – O CONGADO NA SALA DE AULA
• De Cecília Cavaliere França e Yuri Popoff
• Editora UFMG, 77 páginas
• R\$ 60

SAIBA MAIS

HERANÇA AFRICANA

O congado teve suas origens no Congo, no Centro-Oeste da África, onde o povo fazia cortejos em agradecimento ao rei. Trazidos à força para o Brasil como escravos, os negros mantiveram a tradição: a primeira coroação de um rei congado no país se deu em 1674, no Recife. Reza a lenda que Chico Rei foi o primeiro a fazer um terno de congado em Ouro Preto, em 1717. Com o passar dos anos, os rituais africanos passaram a incorporar elementos religiosos de origem europeia. O sincretismo é a marca dessa manifestação.

LUIZ RIBEIRO/EM/D.A.PRESS



LITERATURA

Nani usa humor para conquistar a garotada

PROMOÇÃO ESPECIAL PARA ASSINANTES ESTADO DE MINAS

GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DA AMÉRICA LATINA

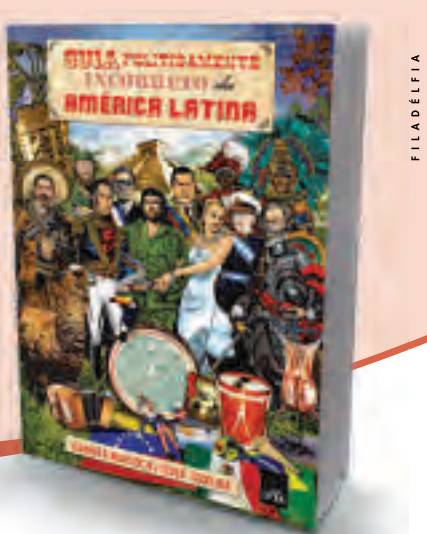
Novo livro de Leandro Narloch, escrito em parceria com o repórter Duda Teixeira, mostra verdades desagradáveis que os livros de história omitem.

PREÇO PARA NÃO ASSINANTE
R\$ 39,90

PREÇO PARA ASSINANTE
R\$ 21,90

PARA COMPRAR ACESSO: clubeshop.com.br
OU LIGUE: (31) 3263 5800 (BH e Contagem) 0800 031 5005 (Outras localidades de MG)

Valor unitário para pagamento à vista. Promoção válida enquanto durar o estoque. Pagamento somente com cartão de crédito ou débito em conta corrente. O livro será entregue em até 7 dias. O frete não está incluído no valor do produto. Verifique no Serviço de Atendimento o valor do frete para entrega no seu endereço.



clubeshop
ESTADO DE MINAS
CLUBEASHOP.COM.BR

Conhecido como cartunista, o mineiro Nani – que também escreveu textos para os programas humorísticos de TV *Chico Anysio*, *Casseta* e *planeta urgente*, *Sai de baixo* e atualmente integra a equipe de *Zorra total* – não se limita a fazer graça para os adultos. Aos 60 anos, ele tem um xodó: lançar livros para as crianças.

O mais recente é *A moedinha que queria comprar a felicidade* (Editora Melhoramentos), uma espécie de guia introdutório infantil no mundo das finanças. Nani conta a história do garoto às voltas com o dinheiro e seu poder de vender, de dar lucro, de impor prejuízo e, sobretudo, de dividir o planeta entre ricos e pobres.

“As pessoas me conhecem como cartunista, mas também sou escritor”, avisa Nani, que já lançou para a criançada, entre outros títulos, *A menina que acordava as palavras* (Melhoramentos), *Abecedário hilário* (Abacatte Editorial) e *Gabriel da Conceição Bicicleta* (Abacatte).

Nani fissa o pequeno leitor usando o que sabe fazer melhor: humor. Em *A menina que acordava as palavras*, deixa a criançada intrigada com vocábulos esquisitos como iníquo, desdém, plúmbeo e meditando.

Em *A moedinha...*, ele inven-



Livro de Nani desperta a curiosidade da criança sobre as palavras

tu uma corrida de cachorros, em pleno jôquei, para falar de apostas e prêmios. Ao abordar o tema investimento, deixou o economês de lado e criou história divertida para explicar a origem do lucrativo cachorro-quente.

Enquanto os casos se sucedem, a protagonista – a tal moedinha do título – se mete em várias confusões, passando pelos bolsos de um rei, de um malandro, de um apostador e, claro, de um ladrão.

NANI/DIVULGAÇÃO